

DESAFIOS: Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins – V. 2 – n. 02. p.100-110, jan/jun. 2016.
DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2359-3652.2016v2n2p100>

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: A “PONTE” ENTRE OS CENTROS DE MEMÓRIA E OS JOVENS

PATRIMONIAL EDUCATION: A "BRIDGE" BETWEEN THE MEMORY CENTERS AND YOUTH

**Naiani Machado da Silva Fenalti
Maria Medianeira Padoin**

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

RESUMO

O presente estudo reflete sobre as ações de educação patrimonial nos centros de memória e a importância da parceria constante entre os centros de memória e as instituições educacionais para alcançar o objetivo final de interação entre o público visitante e os centros de memória. Além disso, a pesquisa percebe a educação patrimonial como a ponte necessária, quando bem implementada, para a interação do público jovem com os centros de memória.

Palavras-chaves: Educação patrimonial, preservação, interação e cultura.

ABSTRACT

This study reflects about the actions of heritage education in memory centers and the importance of the continued partnership between the memory centers and educational institutions to achieve the ultimate goal of interaction between the visitors and the memory centers. Besides, the research realizes the heritage education as a necessary bridge, when well implemented, for the interaction of young people with the memory centers.

Keywords: Heritage Education, preservation, interaction and culture.

Recebido em 24/05/2016. Aceito em 25/05/2016. Publicado em 31/05/2016.

INTRODUÇÃO

As discussões em torno do patrimônio frequentemente circundam o que é patrimônio, tentando buscar sua essência

a palavra patrimônio vem de pater, que quer dizer “pai” em latim, uma das línguas faladas na antiguidade, na Europa. Essa ideia de patrimônio como “aquilo que se herda do pai” se transformou, ao longo de muitos séculos, para designar tudo aquilo que uma família recebia de seus ancestrais (GALLOIS, 2006, p. 11).

No entanto, o conceito de patrimônio vive uma situação antagônica, visto que, é preciso preservá-lo para que os indivíduos conheçam e divulguem sua história, a partir dos seus patrimônios, mas também é necessário que eles por si só tenham significação para se manter, ou seja, é uma interdependência constante.

O que é necessário fazer para que o patrimônio permaneça e para que nós permaneçamos ligados ao patrimônio? A resposta é restaurá-lo, publicizá-lo? Com certeza, mas também é necessário e imprescindível um trabalho educativo para que ele tenha significação.

É neste momento que entramos no campo da Educação Patrimonial. De nada adianta restaurar a antiga Casa Imperial, ou reproduzir a casa de palafita¹ do ribeirinho se o sistema educacional e seus profissionais não se integram na missão de propagar a importância e a significância do patrimônio.

Neste sentido, este estudo pretendeu refletir sobre as possíveis ações dos centros de memória juntamente com as escolas e demais interessados na preservação dos patrimônios culturais, a importância da ação em conjunto dos professores e a equipe dos centros de memória no trabalho de, a partir da educação patrimonial, estabelecer a interação entre o público, principalmente crianças e adolescentes, e os patrimônios culturais que representam suas comunidades.

1. O PATRIMÔNIO E A EDUCAÇÃO

Para dar início a nossa análise se faz importante que compreendamos do que se trata o patrimônio. Conforme a Constituição Federal de 1988, a Constituição vigente, na Sessão II, artigo 216, entende-se por Patrimônio Cultural no Brasil “[...] os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira [...]”. A primeira questão que surge ao analisarmos a letra da lei é a separação que esta faz do patrimônio enquanto material e imaterial. O patrimônio material, não perceberia sua existência se não relacionado ao patrimônio imaterial, hoje também denominado de patrimônio vivo, pois os laços que os une são de uma relação de interdependência. Como exemplo, as casas de palafita dos ribeirinhos no Estado do Amapá não existiriam se não fosse o conhecimento da forma de produzi-las, ou da necessidade de existir tal tipo de habitação, o que torna desnecessário categorizar os patrimônios:

¹ Tipo de moradia de regiões alagadiças, margem de rios, para evitar que as casas sejam arrastadas. No Brasil esse tipo de moradia é comum na região Norte do país.

[...] pensa-se neste estudo o Patrimônio Cultural fora das divisões tradicionais entre Patrimônio Material ou Imaterial, pois mesmo o denominado imaterial surge a partir da existência humana, ou seja, é produzido pelo homem, dessa forma, ao criar certas categorias, cria-se uma falsa ilusão de que se pode separar a criação do seu produtor só pelo fato dessa ser considerada abstrata. A música torna-se música e é necessário preservá-la quando apreciada pelo homem, ou escrita em uma folha de papel, da mesma forma a História, ela existe enquanto patrimônio quando é conhecida e perpassada, ou seja, quando as pessoas sentem-se pertencentes a ela, e a partir dela recriam uma identidade cultural (FENALTI, 2011, p. 11)

E com esse intuito que surgem os Centros de Memória²: museus, arquivos, memoriais, que tem o objetivo de manter a memória ativa, de fazer conhecer e lembrar a história, relacionar a produção material e imaterial (diante do fato de serem inseparáveis) da identidade de um grupo ou comunidade:

Descobrir essa rede de significados, relações, processos de criação, fabricação, trocas, comercialização e usos diferenciados, que dão sentido às evidências culturais e nos informam sobre o modo de vida das pessoas no passado e no presente, em um ciclo constante de continuidade, transformação e reutilização, é a tarefa específica da Educação Patrimonial (HORTA; GRUMBERG; MONTEIRO. 1999, p.9).

Um patrimônio só pode ser visto como tal quando tem significância, como já foi comentado, os centros de memória estão presentes para fazer este papel, apresentar a história, trazer a identificação, junto às histórias relatadas pelos antepassados, os depoimentos, enfim, as diversas formas de vestígios históricos sejam eles escritos, não-escritos, cultura material, etc. No entanto, a ação por si só desses centros não é o bastante, é necessário uma ação eficaz de educação patrimonial, de preferência em conjunto dos centros de memórias com as instituições de ensino, desde o ensino fundamental até o médio, para que se estabeleça esse elo de ligação, bem como, para que esse processo contribua na formação da criticidade dos educandos:

A expressão Educação patrimonial vem se tornando cada vez mais familiar e freqüente no trabalho dos Museus e dos responsáveis pela preservação, identificação e valorização do Patrimônio Cultural em nosso país. A proposta metodológica para o desenvolvimento das ações educacionais voltadas para o uso e a apropriação dos bens culturais foi introduzida, em termos conceituais e práticos, a partir do 1º Seminário realizado em 1983, no Museu imperial, em Petrópolis, RJ, inspirando-se no trabalho pedagógico desenvolvido na Inglaterra sob a designação de Heritage Education” (HORTA apud LIMA, 2003, p. 61).

² Instituições que objetivam resguardar, preservar e DIVULGAR os bens culturais da sociedade.

Outra questão que nos deparamos durante este processo, é o fato de que a geração em que a educação patrimonial deve atuar com mais eficácia, muitas vezes não se identifica com o patrimônio preservado. Um adolescente que atualmente possui celulares de última geração, constantemente conectado ao mundo virtual³, mesmo que faça parte de uma comunidade que surgiu em torno do trabalho de ribeirinhos, por exemplo, não terá facilidade em perceber significado e importância em conhecer e preservar os patrimônios que materializam tal comunidade, como sua história e seus vestígios materiais. Poderíamos simplesmente entender que como esses jovens não tem interesse, não se identificam com tais patrimônios não é devido “forjar” uma identificação.

No entanto, não é possível afirmar que não há uma identificação, uma significação desse patrimônio para o jovem se não é feita a ponte para que essa identificação ocorra. A ponte está justamente na educação patrimonial.

O trabalho passa a ser ainda mais complexo, porque confrontamos o passado com o presente, o imaginário com o palpável, rápido e eficaz, portanto está no trabalho do professor e dos centros de memórias e todos envolvidos em tornar palpável e identificável a história percebida como patrimônio histórico das sociedades.

A própria denominação já acusa a ligação entre patrimônio e história, é o chamado “patrimônio histórico”, é a história se materializando e chegando até nós através de seus vestígios escritos, iconográficos, audiovisuais, edificados, ou seja, os ditos patrimônios históricos. Eis a capacidade dos seres humanos de aprender e apreender, bem como, de passar adiante toda sua carga cultural:

Através da comunicação oral a criança vai recebendo informações sobre todo o conhecimento acumulado pela cultura em que vive. Não falta ao chimpanzé a mesma capacidade de observação e de invenção, faltando-lhe, porém, a possibilidade de comunicação. Assim sendo, cada observação realizada por um indivíduo chimpanzé não beneficia a sua espécie, pois nasce e acaba com ele. No caso humano, ocorre exatamente o contrário: toda a experiência de um indivíduo é transmitida aos demais, criando assim um interminável processo de acumulação (LARAIA apud PELEGRINI, FUNARI, 2008, p. 17).

Evidentemente o patrimônio se depara com a dificuldade de passar para as próximas gerações a cultura acumulada, relacionada, muitas vezes, como foi comentado, a um mundo

³ Referente ao antagonismo a ser superado entre Patrimônio Cultural, considerado como expressão do “antigo” e os novos objetos e novas tecnologias que “substituem” o antigo e são a expressão do “moderno”, do “novo”.

muito diverso do atual, no entanto, é possível achar vias onde a cultura possa ser perpassada dando continuidade ao processo de acumulação:

Todas as ações por meio das quais os povos expressam suas formas específicas de ser constituem a sua cultura, que vai ao longo do tempo adquirindo formas e expressões diferentes. A cultura é um processo eminentemente dinâmico, transmitido de geração em geração, que se aprende com os ancestrais e se cria e recria no cotidiano presente, na solução dos pequenos e grandes problemas que cada sociedade ou indivíduo enfrentam. Neste processo dinâmico de sociabilização em que se aprende a fazer parte de um grupo social, o indivíduo constrói a própria identidade (HORTA, GRUNBERG e MONTEIRO, 1999, p. 08)

O trabalho da educação patrimonial centra no fato de que a preservação patrimonial é definida por uma escolha, uma espécie de funil, onde alguns patrimônios são preservados e outros esquecidos, então, o ato de preservar traz imbuído a ação de esquecer. É preciso formar cidadãos conscientes do seu papel como agente histórico, pois suas ações definirão o que deve ser esquecido ou não, e manter viva a sua história, a cultura deixada pelos seus antepassados é uma tarefa dos descendentes que dão continuidade ao processo de acumulação cultural: “[...] bens culturais não tem em si sua própria identidade, mas a identidade que os grupos sociais lhe impõem [...]” (MENEZES, 1996, p. 92).

É necessário tanto trazer a ideia de preservação patrimonial⁴, quanto levar os educandos aos centros de memória, o que demanda também desses locais um preparo físico e institucional para que se possa consolidar o trabalho da Educação Patrimonial.

Além disso, para superar as dificuldades do trabalho de educação patrimonial nos lugares de memória é preciso vencer a noção de *sacralidade* dos mesmos. O museu, por exemplo, é percebido na maior parte das vezes como um local onde não se pode falar alto, comunicar-se, expressar reações, sejam elas quais forem: de felicidade, tristeza ou admiração. Certamente para preservar a memória é preciso resguardá-la, mas isso não importa torná-la sacra de tal maneira que se perceberá inútil, pois qual a importância e significância de um patrimônio que permanece aquém do mundo atual:

A metodologia da Educação Patrimonial propõe a conscientização das comunidades acerca da importância da criação, valorização e da preservação dos patrimônios locais. Essa conscientização é construída por meio da

⁴ É importante ressaltar que Preservação não é sinônimo de Tombamento, sendo este último consequência final da significação patrimonial e que não abrange todas as expressões culturais da sociedade brasileira.

interação da população com os patrimônios da região onde vivem (HAIGERT, 2006, p. 149).

Eis a palavra de ordem: Interação, causando antagonismo se colocada ao lado de sacralização. Como se pode interagir com algo que é sagrado, pois o sagrado não é palpável, o sagrado existe por si só, não remete a uma interdependência, oposto ao patrimônio cultural que só existe a partir da interação, da conscientização do outro sobre sua importância.

Diante disso, acentuamos a importância das ações educativas que objetivam anular a noção de patrimônio sacro, e aproximar a comunidade, com destaque a comunidade escolar, dos patrimônios, servindo como ponte para a interação entre indivíduo e patrimônio cultural.

2. EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: O CAMINHO PARA A EFETIVAÇÃO DA “INTERAÇÃO” ENTRE OS CENTROS DE MEMÓRIA E SEU PÚBLICO

A professora Heloisa Helena Costa, historiadora e museóloga, na produção da tese de doutorado intitulada *Museus de História de Cidades e sua contribuição ao desenvolvimento social contemporâneo*, realizou entrevistas com um grupo selecionado de formadores de opinião do Brasil e do Canadá com o objetivo de avaliar as opiniões destes sobre um dos mais conhecidos centros de memória, os museus. Nesta pesquisa divulgada também pelo artigo intitulado *Museus, pontes entre gerações* publicado pela revista *Museu* a pesquisadora afirma que:

Foi muito interessante constatar que muito mais do que entrar nos museus para aprender alguma coisa, as pessoas desejavam sentir nos museus alguma forma de vida; que pode ser a vida delas mesmas, a partir de lembranças despertadas pelos objetos e textos expostos e então estaremos diante do fenômeno da memória resgatada; ou reconhecer nos museus outras formas de vidas já vividas, que parecidas ou não com as delas mesmas, se relacionam umas com as outras pelo fato de que apresentam similitudes de seres humanos no contexto diversificado das culturas, e nesse caso, o que se apresenta é a memória social e, portanto, coletiva (COSTA, 2005).

Memória⁵ coletiva é ressaltada nos argumentos da pesquisadora, eis a ponte que a educação patrimonial pode e deve utilizar para agir em prol da preservação dos patrimônios culturais: “É a partir do resgate do passado e sua vinculação com a memória coletiva que se

⁵ Memória é a aquisição, a formação, a conservação e a evocação de informações. A aquisição é também chamada de aprendizagem: só se “grava” aquilo que foi *aprendido*. A evocação é também chamada de recordação, lembrança, recuperação. Só lembramos aquilo que gravamos aquilo que foi aprendido (IZQUIERDO, 2002, p. 9).

projeta a identidade de uma comunidade, de um Estado ou de uma nação.” (FENALTI, p.21, 2009)

Os centros de memória são também centros de promoção educacional e assim devem perceber-se. A vida que os visitantes do museu, arquivos e demais centros anseiam ver nos centros de memória é, justamente, a interação entre o público e as exposições e a constante ação social que os centros precisam desempenhar:

E isso independe do tipo de coleção que os museus possuem; sempre haverá possíveis vínculos a serem estabelecidos entre os objetos, a sociedade e a vida cotidiana dos indivíduos, que através das ações museológicas podem vir a tomar consciência de seus papéis como atores sociais (COSTA, 2005)

Essas ações museológicas citadas por Costa relacionam-se com a prática da educação patrimonial que pode ser descrita como:

[...] um **processo permanente e sistemático** de trabalho educacional **centrado no Patrimônio Cultural** como **fonte primária de conhecimento** e enriquecimento individual e coletivo. Isto significa tomar os objetos e expressões do Patrimônio Cultural como ponto de partida para a atividade pedagógica, observando-os, questionando-os e explorando todos os seus aspectos, que podem ser traduzidos em conceitos e conhecimentos (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 06).

Assim como na escola o professor precisa desenvolver no aluno a habilidade de resolver problemas diversos, a educação patrimonial também tem essa missão, **questionar e explorar** os patrimônios como se refere Horta, sendo essa a forma de despertar o interesse das novas gerações sobre o legado deixado por seus antepassados. A educação patrimonial “[...] consiste em **provocar situações de aprendizado** sobre o processo cultural e, a partir de suas manifestações, despertar no aluno o interesse em resolver questões significativas para sua própria vida, pessoal e coletiva.” (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 08).

Dessa forma, pode-se afirmar que desde quando se pensou na aplicação da educação patrimonial no ano de 1983, no Museu Imperial durante o *I Seminário de Uso Educacional de Museus e Monumentos*, a importância do professor em conjunto com os centros de memória na ação da educação patrimonial já foi destacada:

[...] para poder ampliar realmente o campo da atuação através do papel multiplicador que o educador desempenha dentro do sistema de ensino estruturado que é a "escola". Isto não significa que a aplicação da metodologia esteja restrita somente a este campo. A aplicação da metodologia de Educação Patrimonial pode ser feita em qualquer espaço social e com qualquer faixa etária (GRUNBERG, 2000, p. 06)

De fato, a educação patrimonial pode ocorrer em qualquer situação, como na escola e nos centros de memória, melhor ainda se ocorrer a partir de uma parceria entre instituições, como por exemplo, o museu e a escola, a escola e o arquivo, assim por diante, ou seja, projetos em que tanto o centro de memória se desloque até a escola como a escola vá até o centro.

Em entrevista realizada com a Presidente do núcleo pedagógico do Museu Sacaca, Iana Duarte, no Estado do Amapá, um museu a céu aberto que tem como objetivo salvaguardar a memória amazônica e apresenta exposições que remetem a herança dos ribeirinhos e indígenas do Amapá, foi possível perceber que apesar de o Museu não denominar seus projetos como ações de educação patrimonial, a instituição realiza sim projetos com esse intuito, principalmente com crianças do Ensino Fundamental I (anos iniciais). Neste processo de possibilidades de interação entre o museu e as escolas o Museu Sacaca apresenta projetos como o Museu na escola (projeto anual aplicado em escolas públicas) e projetos realizados no próprio Museu como as trilhas da exposição permanente, o planetário, a oficina de histórias em quadrinhos, entre outros, todos voltados a fazer referências à memória coletiva da comunidade amapaense.

Assim, sobre o desenvolvimento desses projetos, uma das questões colocadas pela pedagoga foi o fato de que quando os projetos do museu são aplicados na escola, na maioria das vezes o professor se isenta do processo, não participa das ações em sala de aula e nem no museu, o que torna o trabalho estanque e cria uma cisão entre o trabalho em sala de aula e o trabalho no museu. Para que esta parceria ocorra é necessário a ação positiva de ambas as partes, o que parece ser o mais difícil de ocorrer.

A referida “ponte” para que aja uma interação entre o público (principalmente as crianças e os jovens) e os patrimônios culturais depende das ações educativas envolvidas e dos profissionais que implementam tais ações, ou seja, a parceria entre o sistema educacional e os centros de memória é indispensável para um resultado satisfatório consequência das atividades de educação patrimonial:

Aprender através do olhar não é necessariamente simples, mas é uma possibilidade de enriquecer a experiência do conhecimento do mundo material. Desenvolver a habilidade de observação e interpretação dos objetos auxilia na compreensão do mundo, e não é necessário um conhecimento especializado para efetuar-lo. Aprender com os objetos requer tempo, prática e um esforço consciente que precisa ser desenvolvido através de exercício e tarefas (GRUNBERG, 2000, p. 07).

No artigo *Desafios da relação Museu-escola* a pesquisadora Almeida em pesquisas realizadas em museus brasileiros também salientou a falta de interação e de parceria entre os museus e as escolas, corroborando com as informações dadas pela pedagoga do Museu Sacaca no Amapá. Em pesquisa no Museu de Astronomia e Ciências afins (MAST) Almeida mostra que havia o interesse da equipe do MAST em preparar os professores e a equipe percebe a importância dessa parceria. No entanto entre os relatos da equipe estava: “Durante a visita, o professor geralmente ficava passivo (observando a atuação de monitores) e não buscava estabelecer relações dos conteúdos vistos no MAST com aqueles trabalhados em sala de aula.” (ALMEIDA, 1997, p.52).

O que se percebe é que qualquer projeto que circunde a educação patrimonial deve começar na escola, pela ação do professor. O professor deve, em um primeiro momento, trabalhar os conceitos de patrimônio, cultura, vestígios materiais, cidadania, memória, entre outros, com seus alunos, bem como, conhecer e pesquisar sobre o centro de memória a ser visitado, sua ou suas exposições a serem visitadas, os projetos desenvolvidos, para que ocorra um trabalho em conjunto no museu e na escola, pois este deve ser o objetivo que permeia a educação patrimonial.

Desta forma, deve ser incentivado o trabalho da educação patrimonial nos centros de memória, mas devemos ter claro que este deve ser uma ação de mão dupla, ou seja, assim como os centros devem estar preparados em termos de estrutura e pessoal qualificado para essas ações, as escolas e sua equipe de professores também devem ter como compromisso o preparo prévio e a ação em conjunto no momento do desenvolvimento do trabalho com a educação patrimonial.

CONCLUSÃO

A partir da discussão levantada nessa pesquisa ficou evidente que não é pouco o caminho a percorrer para que se alcance a interação desejada entre as crianças e os jovens com os patrimônios culturais da nossa sociedade.

Acima de tudo, este objetivo será alcançado quando os centros de memória e preservação também se percebam como locais de formação educacional, com pessoal especializado para as ações educativas, bem como, as escolas se conscientizem da importância da sua participação ímpar nessas ações educativas, ou seja, ambos percebam a

educação patrimonial enquanto vertente do processo educacional, com suas metodologias e com a necessidade de espaço de ação também no meio formal de educação.

Sendo assim, as transformações devem ocorrer no sistema formal de educação, bem como nos centros de memória, ressaltando a parceria essencial entre ambos para que a educação patrimonial possa ser o elo de ligação entre os indivíduos, agentes históricos, e os patrimônios que expressam seu legado cultural.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adriana Mortara. *Desafios da relação Museu-escola*. In: Revista Comunicação e Educação. São Paulo, p. 50 a 56. Set/Dez, 1997.

Constituição da República do Brasil. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 15 jun. 2011.

COSTA, Heloisa Helena F. G. da. Museus, pontes entre gerações. In: *Revista Museu*, 15 de mai. 2005. Extraído: www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=5985. Acesso em 5 de mai. de 2014.

FENALTI, Naiani. M. S. *Gaspar Silveira Martins e o Município “Silveira Martins”: Memória, identidade e patrimônio*. 2011. 134 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Santa Maria, 2011.

_____. *A Construção da imagem de Gaspar Silveira Martins: análise de biografias*. 2009. 55f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

GALLOIS, Dominique Tilkin. *Patrimônio Cultural Imaterial e Povos Indígenas*. Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena (IEPÉ), 2006.

GRÜNBERG, Evelina. *Educação patrimonial: utilização dos bens culturais como recursos educacionais*. Cadernos do Centro de Organização do Oeste (CEOM), ano 12, dez. 2000.

GRUNBERG, Evelina; HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia de Educação patrimonial*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

HAIGERT, Cynthia Gindri. Patrimônio Cultural: Interagindo com a comunidade. In: MILDNER, Saul Eduardo Seiguer. *As várias faces do patrimônio*. Santa Maria: Pallotti, 2006.

IZQUIERDO, Ivan. *Memória*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas (ArtMed), 2002.

LIMA, Janice Shirley Souza. *Educação patrimonial: na área do projeto Serra do Sossego Canaã dos Carajás (PA)*. Belém: MPEG/CRVD-MSS/FIDESA, 2003.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. “Os usos culturais da cultura”. Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YÁGIZI, Eduardo e outros (org). *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec, 1996.

PELEGRINI, Sandra C. A. FUNARI, Pedro Paulo A. *O que é patrimônio cultural imaterial*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

Entrevista:

DUARTE, Iana (pedagoga do Museu). *Ações do Museu Sacaca*. Entrevista concedida a Naiani Fenalti.

Naiani Machado da Silva Fenalti

Historiadora. Mestre em Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Endereço: Universidade Federal de Santa Maria – Departamento de História - Av. Roraima nº 1000 Prédio 74A, sala 2105, Cidade Universitária, Bairro Camobi, Santa Maria – RS - CEP: 97105-900

Maria Medianeira Padoin

Historiadora. Professora do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Endereço: Universidade Federal de Santa Maria – Departamento de História - Av. Roraima nº 1000 Prédio 74A, sala 2105, Cidade Universitária, Bairro Camobi, Santa Maria – RS - CEP: 97105-900